

**A PERDA DA SUBJETIVIDADE DA MULHER FRENTE A RELAÇÕES ABUSIVAS:
ENTRE SINTOMAS E HEMATOMAS DO AMOR**

**THE LOSS OF WOMEN'S SUBJECTIVITY IN ABUSIVE RELATIONSHIPS:
BETWEEN THE SYMPTOMS AND BRUISES OF LOVE**

**FRANCIELE CRISTINA PEREIRA DO NASCIMENTO
ANNA PAULA LOMBARDI
VALMIR UHREN**

¹ Cescage – Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais -
franciele.nascimento9996@aluno.cescage.edu.br;

²Cescage – Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais – anna.lombardi@cescage.edu.br

³Cescage – Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais – valmir.uhren@cescage.edu.br

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar de que maneira a mulher anula sua subjetividade em relações abusivas, articulando perspectivas psicanalíticas, socioculturais e de gênero, a partir do verso de Paulo Leminski — “Do amor conheço os sintomas e os hematomas”, que evidencia o paradoxo entre afeto e dor e denuncia como o amor, atravessado por estruturas patriarcais, pode se transformar em instrumento de dominação. Justifica-se a relevância do estudo diante da naturalização da violência simbólica e emocional nas relações amorosas, que mantém a mulher em posições de subordinação. Para compreender este fenômeno, são mobilizados autores como Freud, Lacan, Saffioti, Beauvoir, Butler e Kehl, que permitem observar como mecanismos psíquicos, a exemplo da compulsão à repetição, do masoquismo e da devastação, articulam-se à construção sociocultural do amor romântico, confinando a mulher em dinâmicas de controle, dependência afetiva, econômica e emocional, resultando no apagamento do eu. A análise evidencia que a perda da subjetividade ocorre quando a mulher abdica de seus direitos de desejar, pensar e existir para além do outro, sendo reduzida à objetificação. Os resultados apontam que a idealização amorosa e a lógica patriarcal sustentam práticas de dominação que inviabilizam a autonomização feminina. Conclui-se, portanto, que o resgate da subjetividade feminina constitui um processo multidimensional, configurando-se como ato político, clínico e existencial, imprescindível para a ruptura com ciclos abusivos e para a reconstrução de uma existência baseada na autonomia, no reconhecimento de si e na dignidade.

Palavras-Chave: amor; violência; subjetividade; gênero; psicanálise; relações abusivas.

ABSTRACT: The present article aims to analyze how women annul their subjectivity in abusive relationships, articulating psychoanalytic, sociocultural, and gender perspectives based on Paulo Leminski's verse — “Of love I know the symptoms and the bruises,” which highlights the paradox between affection and pain and denounces how love, shaped by patriarchal structures, can become an instrument of domination. The relevance of the study is justified by the naturalization of symbolic and emotional violence in romantic relationships, which keeps women in positions of subordination. To understand this phenomenon, authors such as Freud, Lacan, Saffioti, Beauvoir, Butler, and Kehl are mobilized, allowing the observation of how psychic mechanisms, such as repetition compulsion, masochism, and devastation, are intertwined with the sociocultural construction of romantic love, confining women in dynamics of control and affective, economic, and emotional dependence, resulting in the erasure of the self. The analysis shows that the loss of subjectivity occurs when women abdicate their rights to desire, think, and exist beyond the other, being reduced to objectification. The results indicate that romantic idealization and patriarchal logic sustain domination practices that hinder female autonomy. It is concluded, therefore, that the recovery of female subjectivity constitutes a multidimensional process, configured as a political, clinical, and existential act, essential for breaking abusive cycles and reconstructing an existence based on autonomy, self-recognition, and dignity.

Keywords: love; violence; subjectivity; gender; psychoanalysis; abusive relationships

1 INTRODUÇÃO

O verso de Paulo Leminski — “Do amor conheço os sintomas e os hematomas” — provoca uma reflexão profunda sobre a ambivalência do amor. A palavra “sintomas” sugere sinais internos de sofrimento, muitas vezes ignorados ou silenciados. Já “hematomas” representam marcas visíveis da dor, físicas ou emocionais. Ao unir esses termos, Leminski expõe que o amor pode ser simultaneamente fonte de afeto e de violência. As relações abusivas são reconhecidas ao caracterizar atos de violência como amor, fazendo com que esse disfarce mascare a violência até que a mesma não seja percebida sequer por quem a sofre, muitas vezes sendo invisibilidade e socialmente aceita.

O amor romântico é altamente idealizado, construído culturalmente e reforçando a crença de que amor é sinônimo de sacrifício, onde mesmo frente ao sofrimento, deve-se suportar e perdoar. Beauvoir (1949) arguiu que a mulher foi educada socialmente para servir, e com isso renunciar a si mesma. Saffioti (2001) esclarece como o patriarcado estabeleceu a hierarquia na qual o homem é detentor de todo domínio e a mulher apenas uma figura submissa e responsável pela manutenção e sucesso do relacionamento. Essa ideia preconcebida resulta em mulheres que permanecem em relações abusivas acreditando que sofrer faz parte do processo de salvar e manter o relacionamento.

No campo psicanalítico, a subjetividade se constrói nas relações. No entanto, quando o outro se torna opressor, ocorre o sequestro da subjetividade: a mulher deixa de ser sujeito de seu próprio desejo e passa a existir apenas a partir do olhar do parceiro. Lacan (1973) descreve a devastação como um esvaziamento psíquico no qual a identidade do sujeito é destruída. Kehl (2008) afirma que, em relações abusivas, o agressor mina a autoestima da mulher e a convence de que ela não é capaz de viver sem ele. O abuso emocional torna-se tão devastador quanto o físico.

Esse sequestro da subjetividade é reforçado culturalmente. Butler (2020) destaca que controlar corpos femininos é controlar sua possibilidade de existência. A sociedade romantiza relações intensas e possessivas, glorificando a mulher que “aguenta tudo por amor”. Expressões como “quem ama cuida” ou “relacionamento é luta” mascaram comportamentos abusivos. Desse modo, a violência se infiltra no cotidiano, nas palavras, nos gestos e nas expectativas sociais.

Portanto este trabalho objetiva identificar como se dá a perda da subjetividade feminina em relações abusivas, buscando articular a frase de Leminski com perspectivas psicanalíticas e socioculturais, como também compreender como ocorre o entrelace entre amor e violência, como o patriarcado mantém por meio dessas dinâmicas e como as estruturas psíquicas predefinidas dificultam a ruptura desse ciclo. A relevância do tema é justificada pela necessidade em compreender que a violência contra a mulher alcança muito além de seu corpo físico, visto que atinge sua identidade, seus desejos e sua capacidade de se reconhecer enquanto sujeito por si só e não somente atrelado a outro. Logo, tem-se a seguinte problemática: como as relações abusivas contribuem para a perda da subjetividade da mulher, refletindo-se em sintomas psicológicos e marcas físicas do chamado “amor”?

Para melhor abordagem do tema, o artigo está organizado da seguinte forma: introdução, onde será discutido sobre a ambiguidade entre amor, sintomas e hematomas, uma análise da perda da subjetividade feminina frente a cultura patriarcal. Teremos ainda uma abordagem sobre a perspectiva psicanalítica acerca do masoquismo, repetição e devastação seguida de uma breve discussão sobre o sequestro do desejo e a dificuldade de romper com o

ciclo do abuso. Finalizando com as considerações finais, onde reflete-se sobre a urgência do resgate da subjetividade feminina como ato político e existencial.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em uma revisão bibliográfica de caráter exploratório e descritivo. Essa escolha metodológica se justifica pela natureza subjetiva do tema, que envolve dimensões simbólicas, psíquicas e socioculturais relacionadas à perda da subjetividade feminina em relações abusivas. Foram utilizados como principais referenciais teóricos autores que discutem gênero, cultura patriarcal e psicanálise, como Simone de Beauvoir, Heleieth Saffioti, Pierre Bourdieu, Judith Butler, Sigmund Freud, Jacques Lacan e Maria Rita Kehl. A pesquisa se propõe a analisar como esses pensadores contribuem para compreender as dinâmicas de poder, dependência emocional e anulação do sujeito feminino dentro das relações abusivas.

O levantamento bibliográfico foi realizado em livros, artigos científicos e produções acadêmicas disponíveis em bases como Google Acadêmico, Scielo e Periódicos CAPES, priorizando materiais publicados entre 1949 e 2024, que abordam violência de gênero, subjetividade e psicanálise das relações afetivas. O método de análise foi pautado na interpretação crítica do conteúdo, buscando identificar convergências entre o discurso psicanalítico e o sociocultural. Dessa forma, a metodologia não pretende quantificar dados, mas compreender os significados e implicações simbólicas da violência na construção da subjetividade feminina, relacionando a teoria à frase de Leminski — “Do amor conheço os sintomas e os hematomas” — como ponto de partida para reflexão sobre o entrelace entre amor, dor e identidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES:

3.1 - A PERDA DA SUBJETIVIDADE FEMININA NA CULTURA E NO GÊNERO

A perda da subjetividade feminina em relações abusivas está profundamente associada à estrutura cultural e social do patriarcado. A sociedade ensina as mulheres, desde cedo, a priorizar o outro, a cuidar, a serem dóceis e responsáveis pela harmonia dos relacionamentos. A subjetividade feminina é construída com base na ideia de que seu valor está no amor que oferece. Bourdieu (1998) chama essa naturalização da dominação de violência simbólica: uma forma sutil e invisível de poder que faz com que a mulher aceite a submissão como algo natural. Assim, quando o homem controla, a mulher muitas vezes interpreta como proteção ou cuidado. Saffioti (2015) afirmou que o patriarcado é amplamente atualizado ao longo da história, onde cria novas formas de opressão. Sabemos que a dominação contemporânea não ocorre somente com uso da força física, mas através de discursos afetivos com intenção clara de se manter sobre o controle da relação, como por exemplo a utilização de expressões como “sem mim você não é nada” ou “eu sou o único que te ama de verdade”. Essas frases desconstroem a autoestima da mulher e provocam dependência emocional.

A cultura do amor romântico também reforça a ideia de que a mulher deve insistir em relações difíceis. A mídia glorifica histórias em que o homem agressivo é “curado” pelo amor feminino. Assim, a mulher é pressionada a ser compreensiva e a suportar comportamentos abusivos. Butler (2020) enfatiza que o controle sobre os corpos e as emoções das mulheres é uma forma de limitar sua existência social. Quando a mulher tenta se afirmar, muitas vezes é rotulada como egoísta, fria ou exagerada. Isso gera culpa e inibição do desejo. Dessa forma, o sequestro da subjetividade não começa apenas dentro da relação abusiva; ele é preparado

socialmente. A mulher aprende a se calar antes mesmo de ser silenciada pelo parceiro. A cultura ensina que sua identidade está no papel de parceira, mãe ou cuidadora, e não como sujeito autônomo. Quando entra em uma relação abusiva, ela já foi treinada para ceder, perdoar e suportar. Portanto, não podemos classificar a violência como apenas individual, mas sim estrutural. A cultura cria o terreno onde a dominação se torna possível, e a psicanálise explica como essa dominação se internaliza e se torna parte do psiquismo da vítima.

3.2 - PSICANÁLISE E RELAÇÕES ABUSIVAS: MASOQUISMO, REPETIÇÃO E DEVASTAÇÃO

Através da psicanálise obtemos instrumentos que possibilitam compreender por que inúmeras mulheres se mantêm em relações abusivas e de grande sofrimento. Freud (1920) trouxe o conceito de compulsão, sendo esta uma tendência do inconsciente onde se busca reviver experiências traumáticas no intuito de corrigi-las ou até mesmo dominá-las. Dessa forma, a mulher acaba muitas vezes, sem perceber, escolhendo seus parceiros por reconhecer neles comportamentos que lhe são comuns, como padrões de violência, na crença que poderá “consertar” ou “salvar” o outro. Freud também inseriu o conceito de masoquismo, onde muitas vezes é interpretado erroneamente como prazer na dor, porém, o masoquismo psíquico se entende também quando alguém acaba por aceitar a dor, em uma posição subjetiva, para que o vínculo com o outro seja mantido. Em sua crença, a mulher se coloca a mercê de suportar a dor como prova de amor ou até mesmo por medo do abandono.

Lacan (1973) aprofunda ainda mais essa discussão introduzindo o conceito de devastação, que ocorre quando o outro se apropria do espaço psíquico do sujeito, seja através de manipulação ou sem se dar conta disso e destrói a identidade e autonomia do sujeito fazendo com que o mesmo se torna uma extensão de si. A mulher quando devastada acaba por perder seus desejos, sua capacidade de pensar por si mesma e sua força simbólica. Ela não sofre apenas violência; ela é esvaziada de si. Kehl (2008) afirmou que, quando em relações abusivas, a mulher tem sua autoestima minada pelo agressor que a faz acreditar que jamais será capaz de viver sem ele. O fenômeno do *gaslighting*, termo usado para descrever a manipulação que faz a vítima duvidar de sua percepção da realidade, intensifica essa devastação. O agressor alterna agressões com momentos de afeto, criando o ciclo da violência. Após a explosão, ele pede perdão e demonstra carinho, o que gera esperança. A mulher passa a acreditar que o amor pode transformar o parceiro. Esse ciclo gera a dependência emocional e reforça a permanência. Além disso, há o conceito de gozo em Lacan: um prazer paradoxal que contém dor. Em algumas relações abusivas, o agressor obtém gozo ao dominar, e a mulher é levada a acreditar que o sofrimento faz parte do amor. Esse modelo de amor sacrificial é culturalmente reforçado. Assim, a psicanálise mostra que a permanência da mulher na relação abusiva não é fraqueza, mas resultado de mecanismos psíquicos profundos e de uma construção cultural que legitima a violência. O sequestro da subjetividade ocorre quando a mulher perde o direito de desejar, de sentir e de existir como sujeito. Romper essa dinâmica exige mais do que sair fisicamente; exige reconstruir a subjetividade e resgatar o próprio desejo.

3.3 - A PERDA DO DESEJO E A DIFICULDADE DE ROMPER O CICLO

Quando falamos em perda da subjetividade, falamos principalmente do sequestro do desejo. O desejo é aquilo que impulsiona o sujeito a agir, que o conecta com sua identidade enquanto indivíduo único, ou seja, em sua própria vontade e potência para existir. Em relações abusivas, a mulher gradativamente perde o desejo, como se o mesmo fosse aos poucos

apagado e aos poucos os desejos do agressor ganham espaço, fazendo com que a mulher antes movida por seus desejos, agora viva em função do que o agressor deseja, atendendo somente as expectativas e necessidades dele, como se as dela não mais existissem, quando na verdade apenas se mantém inerte.

O abusador utiliza diversas estratégias para isso: desqualifica as opiniões da mulher, critica suas amizades e interesses, decide com quem ela pode falar, como deve se vestir, o que pode sentir. Aos poucos, a mulher deixa de exercer sua individualidade. Ela passa a se perguntar “o que ele quer?”, “o que vai deixá-lo com raiva?”, “como posso evitar conflito?”. Esse estado constante de vigilância emocional é uma forma de aprisionamento psíquico.

Outra forma do agressor minar os desejos e impulsos da mulher é através do gaslighting, onde, o agressor faz a mulher duvidar de si mesma. Frases como “você está louca”, “você entendeu errado”, “você é muito sensível” são constantemente utilizadas com a finalidade de distorcer a realidade e com isso acabar enfraquecendo a percepção da vítima. Após incutir essas falas no cotidiano da vítima consegue fazer com que ela perca a confiança em sua própria mente.

Walker (1979) discorreu acerca do ciclo da violência e o apontou como fator que dificulta a ruptura do mesmo. Composto por três fases: (1) tensão, (2) explosão, (3) lua de mel, a mudança de comportamentos vai de um extremo a outro o que faz com que a mulher mantenha e crença de que ainda há como salvar a relação visto que ainda há vínculo afetivo. Esse ciclo pode se repetir por inúmeras vezes podendo agravar o nível de violência, no entanto, a fase “lua de mel” tende a diminuir até que seja extinta, mantendo uma crescente de violência.

Psicanaliticamente, há também o gozo do vínculo: o sofrimento pode se tornar familiar, e o familiar pode parecer seguro, mesmo que destrutivo. A mulher pode sentir culpa por querer sair ou medo de ficar sozinha. Além disso, muitas vezes, a sociedade culpa a própria vítima: “por que ela não saiu?”, “ela gostava de apanhar”, “faltou coragem”. Essa culpabilização revitimiza e reforça o aprisionamento.

Existem ainda fatores sociais: dependência financeira, filhos, ameaças, falta de apoio familiar, medo da violência extrema após a separação (feminicídio). Tudo isso torna a saída um processo complexo. Sair não é apenas deixar o agressor; é reconstruir a subjetividade, resgatar o desejo e reaprender a existir como sujeito autônomo.

Portanto, não se pode dizer que a mulher “não sai porque não quer”. Ela não sai porque teve sua subjetividade sequestrada. Romper com uma relação abusiva é um ato de resistência subjetiva, política e existencial.

4 - CONCLUSÃO

O verso de Paulo Leminski — “Do amor conheço os sintomas e os hematomas” — sintetiza o paradoxo vivido por milhares de mulheres: amar e sofrer ao mesmo tempo. O amor, quando atravessado pelo patriarcado, pode se transformar em mecanismo de dominação, mascarando a violência sob discursos de cuidado ou paixão. Este ensaio comprova que a perda da subjetividade feminina em relações abusivas não se dá exclusivamente através da agressão física, assim resulta de um processo mais profundo e menos nítido, onde a mulher tem seus desejos anulados, sua voz silenciada e sua identidade destruída.

A partir das contribuições de Saffioti, Beauvoir, Butler e Bourdieu, compreendemos que a cultura patriarcal molda a mulher para amar de forma servil, responsabilizando-a pela manutenção do relacionamento e ensinando-a a renunciar a si mesma. A psicanálise, por sua

vez, revela os mecanismos internos que prendem a mulher à relação abusiva: compulsão à repetição, masoquismo, devastação e gozo. Assim, o sequestro da subjetividade é simultaneamente social, simbólico e psíquico.

Ressalta-se que sair de uma relação abusiva não é um ato simples. Exige não apenas romper com o agressor, mas reconstruir a própria subjetividade. É preciso resgatar o direito ao desejo, à autonomia, à fala, à existência plena. Por isso, combater às relações abusivas precisa envolver não apenas medidas legais e proteção física, assim como acompanhamento psicológico, educativo e cultural que promovam a emancipação feminina.

Conclui-se que resgatar a subjetividade da mulher é um ato político e existencial. É romper com séculos de dominação simbólica e afirmar: amar não é sangrar; amor não produz hematomas. Amar deve ser expansão, e não prisão. O verso de Leminski, então, deixa de ser constatação e se torna alerta e resistência. Conhecer os sintomas e os hematomas do amor é o primeiro passo para transformar dor em consciência e submissão em liberdade.

5 - REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.
BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
BUTLER, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. 1920.
KEHL, Maria Rita. Deslocamentos do feminino. São Paulo: Boitempo, 2008.
LACAN, Jacques. O seminário, livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, patriarcado e violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
SAFFIOTI, Heleieth. Violência de gênero no Brasil contemporâneo. 2015.
WALKER, Lenore. The Battered Woman. New York: Harper & Row, 1979.